



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DAS MINAS GERAIS

Faculdade de Psicologia

Grasiele Vieira dos Santos Martins

**PRÁTICAS PSICOLÓGICAS JUNTO ÀS VÍTIMAS EM SITUAÇÃO DE
EMERGÊNCIAS E DESASTRES: reconstrução de seus espaços de vida e
suas relações intrapessoais**

Belo Horizonte

2012

Grasiele Vieira dos Santos Martins

**PRÁTICAS PSICOLÓGICAS JUNTO ÀS VÍTIMAS EM SITUAÇÃO DE
EMERGÊNCIAS E DESASTRES: reconstrução de seus espaços de vida e
suas relações intrapessoais**

Monografia apresentado à Faculdade de Psicologia
da Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais, como requisito para obtenção do título de
Psicólogo.

Orientadora: Maria Ignez Costa Moreira

Belo Horizonte

2012

Grasiele Vieira dos Santos Martins

**PRÁTICAS PSICOLÓGICAS JUNTO ÀS VÍTIMAS EM SITUAÇÃO DE
EMERGÊNCIAS E DESASTRES: reconstrução de seus espaços de vida e
suas relações intrapessoais**

Monografia apresentado à Faculdade de Psicologia
da Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais, como requisito para obtenção do título de
Psicólogo.

Maria Ignez Costa Moreira (Orientadora) – PUC Minas

Bruno Vasconcelos de Almeida (Leitor) – PUC Minas

Belo Horizonte, 08 de novembro de 2012

*À Deus, a minha família e a todos que
acreditaram em minha constante caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a meu eterno pai maior Senhor Deus, que me sustentou e me fortaleceu nesta caminhada, aos constantes em minha vida, não deixando desistir, jamais. Sejam em pensamentos, orações, pessoalmente, virtualmente, nos puxões de orelhas, na palavra amiga, nas críticas, nas notas boas ou más, nas brincadeiras, nos silêncios, na alegria, na tristeza.

Dentre essas pessoas deixo meu especial agradecimento ao meu marido, pela eterna paciência e amor, meu filho, minha mãe, minha orientadora Maria Ignez Costa Moreira, por confiar em minha capacidade pelo carinho e pelas sábias palavras e grandiosos ensinamentos, psíquicos e não psíquicos palavras e ensinamentos que me ajudaram a alcançar voos com mais determinação e coragem; ao professor Bruno Vasconcelos de Almeida e a Sandra Bernardes pela forma mágica e poética com que me apresentaram o mundo psicológico.

Veja

*Não diga que a canção está perdida
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida
Tente outra vez*

Beba

*Pois a água viva ainda está na fonte
Você tem dois pés para cruzar a ponte
Nada acabou, não não não não*

Tente

*Levante sua mão sedenta e recomece a andar
Não pense que a cabeça aguenta se você parar,
Não não não
Há uma voz que canta,
Uma voz que dança,
Uma voz que gira
Bailando no ar*

Queira

*Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo, vai
Tente outra vez*

Tente

*E não diga a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida
Tente outra vez (RAUL SEIXAS,1975)*

RESUMO

O presente trabalho trata a possível atuação do psicólogo junto às vítimas em situação de emergências e desastres e a reconstrução de seus espaços de vida e suas relações intrapessoais, isso se apresenta com o conhecimento das fases dos desastres e catástrofes. Para tal, a pesquisa bibliográfica é adotada como metodologia. Logo, busca-se resgatar a história deste campo, quando é apresentando definições e conceitos acerca do tema, além de contextualizar e diferenciar as fases e cenários de desastres de acordo com uma classificação no que dizem respeito ao nível, intensidade e origem apresentando também, os respectivos exemplos para isso. Por fim, o material exposto pode servir de subsídio para profissionais que ainda não tiveram ou têm contato com o assunto abordado, de forma a proporcionar uma reflexão da atuação do psicólogo no contexto das emergências e desastres. Procura-se também, estimular a importância de pesquisas futuras nesta área.

Palavra Chaves: História; Psicologia; Emergências; Desastres; Catástrofes; Interdisciplinaridade; Reconstrução.

RESUMEN

En este trabajo se aborda el posible papel del psicólogo con las víctimas as en situaciones de emergencias y desastres y la reconstrucción de sus espacios de vida y de las relaciones intrapersonales, se presenta con el conocimiento de las fases de los desastres y catástrofes. Para ello, la literatura se adopta como una metodología. Por lo tanto, tratamos de rescatar la historia de este campo, al presentar las definiciones y conceptos sobre el tema, además de contextualizar y diferenciar las etapas y escenarios de desastres de acuerdo a una clasificación en relación con el nivel, la intensidad y el origen ofrece también los ejemplos pertinentes para ello. Finalmente, el material expuesto puede servir como un subsidio para los profesionales que no han tenido o tienen contacto con la materia a fin de ofrecer una reflexión del psicólogo en el contexto de las emergencias y desastres. Busca también estimular la importancia de la investigación futura en esta área.

Palabra clave: Historia, Psicología, emergencias, desastres, catástrofes, interdisciplinariedad, Reconstrucción.

LISTA DE FUGURAS

FIGURA 1 – Acidente de trânsito sem vítima fatal (MG)	34
FIGURA 2 – Centro da Cidade de Itabirito (MG)	35
FIGURA 3 – Frango em estufa morre por causa de chuva de granizo (MG)	36
FIGURA 4 – Imagens da Catástrofe em Nova Friburgo (RJ)	37
FIGURA 5 – Imagens da Pousada Sankay Ilha Grande (JR)	39
FIGURA 6 – Imagens da Pousada Sankay Ilha Grande (JR)	39
FIGURA 7 – Animais vitimados pela seca no Norte de Minas (MG)	40
FIGURA 8 – Colisão no Itaim, Zona Sul de São Paulo (SP)	41
FIGURA 9 – Imagens chuva de verão de 2012 em Santa Catarina (SC)	43

LISTA DE SIGLAS

ABEP/MT - Brasileira de Ensino em Psicologia/Núcleo Mato Grosso
ABP - Associação Brasileira de Psiquiatria
ABRAPED - Associação Brasileira da Psicologia em Emergências e Desastres
CEDEC – Coordenadoria Estadual de Defesa Civil
CFP – Conselho Federal de Psicologia
CLAMED – Centro Latino-americano de Medicina de Desastres
COMDEC- Coordenadoria Municipal de Defesa Civil.
CRP – Conselho Regional de Psicologia
DEFENCIL - Seminário Internacional de Defesa Civil
FLAPED - Federação Latina Americana de Psicologia das Emergências e dos Desastres
NUDEC- Núcleos de Defesa Civil
OEA - Organização dos Estados Americanos
ONU - Organização das Nações Unidas
OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde
PED - Psicologia das Emergências e dos Desastres
SAPSED - Sociedade Argentina de Psicologia em Emergências e Desastres
SEDEC - Secretaria Nacional de Defesa Civil
SOMITI - Sociedade Mineira de Terapia Intensiva
UCG - Universidade Católica de Goiânia
UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
ULAPSI - União Latina Americana de Psicologia
UNB - Universidade de Brasília
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	22
2. PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DOS DESASTRES	23
2.1 A Psicologia das Emergências e dos Desastres no Brasil	25
2.2 Conceito das Emergências e dos Desastres.....	29
3. CONHECENDO CENAS DE DESASTRES E CÁTASTROFES E A POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA COMUNIDADE.....	33
3.1 Nível I	33
3.1.1 Nível II	34
3.1.2 <i>Nível III</i>	35
3.1.3 <i>Nível IV</i>	37
3.2 Evolução	38
3.2.1 <i>Desastres Súbitos ou de evolução aguda</i>	38
3.2.2 <i>Desastres graduais de evolução crônica</i>	40
3.2.3 <i>desastres por somação de efeitos parciais</i>	40
3.3 Origem	42
3.3.1 <i>Desastres naturais</i>.....	42
3.4 Fatores relevantes	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Tem-se observado de maneira cada vez mais frequente a ocorrência tanto de desastres sejam eles natural ou provocado pelo homem, quanto o aumento de acidentes, sejam automobilísticos ou aeroportuários. Vários são os fatores que justificam esse aumento dos acidentes, emergências, desastres e catástrofes, entre eles a produção e os consumos regidos pela lógica capitalista, o fenômeno da globalização, a interferência do homem na natureza e, em consequência as alterações climáticas notáveis nos últimos anos.

No primeiro capítulo pretende-se apresentar uma breve revisão dos episódios significativos que motivaram os pesquisadores a desenvolver estudos sobre os sentidos psicológicos da vivência dos desastres e catástrofes.

No segundo capítulo, apresentaremos uma resenha dos principais congressos científicos sobre a temática das catástrofes e desastres que mostram como a psicologia vem incorporando passo a passo essa temática em seu campo de pesquisa e intervenção.

No terceiro capítulo traz a sistematização do conhecimento produzido até o momento sobre as emergências; os desastres e as catástrofes e a possibilidade de atuação do Psicólogo na comunidade nestas situações. E por fim as considerações finais nas quais ressaltamos.

2 PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DOS DESASTRES

Para situar a história deste campo, o presente capítulo apresenta uma breve revisão dos episódios significativos que motivaram os pesquisadores a desenvolver estudos sobre os sentidos psicológicos da vivência dos desastres e catástrofes. Em seguida, apresentaremos uma resenha dos principais congressos científicos sobre a temática das catástrofes e desastres que mostram como a psicologia vem incorporando passo a passo essa temática em seu campo de pesquisa e intervenção.

Os primeiros estudos psicológicos sobre os desastres foram publicados no ano de 1909 nos Estados Unidos, segundo Álamo, citado por Carvalho e Borges (2009). O médico psiquiatra e pesquisador Edward Stierlin, procurando entender as questões relacionadas às emoções das pessoas envolvidas em desastres, desenvolveu os primeiros experimentos sobre o assunto.

Após um desastre no Canadá no ano de 1917, causado por um choque entre navios, pesquisadores iniciaram seus estudos sobre as variáveis psicológicas. Este estudo foi desenvolvido com as vítimas sobreviventes do desastre por meio de observações dos afetados e acompanhamentos psicológicos.

Em 1944 houve um incêndio em uma casa noturna na cidade de Boston nos Estados Unidos, nesta ocasião Lidemann, realizou a intervenção psicológica com os sobreviventes da tragédia. (CARVALHO e BORGES, 2009).

Este estudo foi realizado pelo Centro de Pesquisa Nacional de Opinião da Universidade de Chicago, EUA, e contou com a participação de mil pessoas que haviam passado por algum tipo de experiência com emergências, desastres e catástrofes. A pesquisa mostra que o contato com mortos, feridos e a separação dos familiares exacerbavam reações emocionais tais como comportamentos de pânico entre os sobreviventes (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2011).

Nos anos entre 1960 e 1970, a psicologia passou a pesquisar as reações individuais no pós-desastre de forma mais sistemática na cidade do México. No ano de 1970, o manual “Primeiros auxílios Psicológicos em casos de Catástrofes” foi publicado pela Associação Brasileira de Psiquiatria. Segundo Álamo, citado por Carvalho e Borges (2009, p.3), “este manual descreve diversos tipos de reações clássicas aos desastres e os princípios básicos para identificação das pessoas perturbadas emocionalmente”.

Em 1985, segundo Carvalho e Borges (2009) dois episódios marcaram a história da psicologia das emergências e dos desastres: o terremoto da cidade do México e a entrada em erupção do vulcão Nevado Del Ruiz, no povoado na Colômbia. No primeiro caso quando a Cidade do México foi atingida por um terremoto, a Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma do México, com o assessoramento do Instituto Mexicano de Psicanálise e do Instituto Mexicano de Segurança Social, foi a instituição responsável por iniciar um programa de intervenção em crise, objetivando oferecer apoio psicológico aos afetados pela tragédia.

Já na Colômbia em agosto de 1986, em decorrência do evento de 1985 foi estabelecido um programa de atenção primária em saúde mental para vítimas de desastres, pelo Ministério da Saúde da Colômbia, com o assessoramento da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS).

Em 1991 foi criado pela Cruz Vermelha¹ o Centro de Copenhague de Apoio Psicológico para as vítimas em situação de emergências e desastres com o objetivo de possibilitar a intervenção psicológica com os afetados em diversos países.

Já em 2001 em Cuba foi criado o Centro Latino- Americano de Medicina de Desastres (JORNAL DO FEDERAL, 2011).

A Federação Latina Americana de Psicologia das Emergências e dos Desastres (FLAPED), foi criada em 2002, no Peru com o objetivo de reunir os psicólogos filiados em sociedades nacionais no Peru e incentivar os psicólogos dos demais países latino-americanos a se organizarem. (CARVALHO e BORGES, 2009). Neste mesmo ano ocorreu o 1º Congresso de Psicologia das Emergências e dos Desastres na América Latina e no Peru. A iniciativa foi Justificada pela a necessidade de mais profissionais psicólogos serem preparados para atuarem nessa área.

Em 2004, no Chile, foi criada a Sociedade Chilena de Psicologia das Emergências e risco em geral também com o objetivo de capacitar psicologicamente a comunidade para enfrentar emergências².

¹ Cruz Vermelha Internacional (Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho): Organização Internacional de Voluntários, com sede em Genebra, que se organizou a partir da Conferência Internacional de Genebra. Compõe-se das seguintes organizações: 1. Comitê Internacional da Cruz Vermelha (ICRC) – é o guardião da Convenção de Genebra e atua em conflitos, como uma organização neutra, para assegurar proteção às vítimas das guerras ou hostilidades; 2 Liga das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (LRCS) Federação Internacional das Sociedades Nacionais – atua em desastres não resultantes de conflitos e em calamidades naturais; 3 Organização Nacional da Cruz Vermelha ou de Crescente Vermelho de cada um dos países e filiados à Federação.

² Escuta em seminário: I Seminário de Psicologia das Emergências e dos Desastres - Contribuição para Sociedades mais seguras. Brasília, 8,9 e 10 de junho de 2006.

Buenos Aires sediou, em 2007, o “Encontro Internacional de Psicologia em Emergências e desastres”, promovido pela Sociedade Argentina de Psicologia em Emergências e Desastres (SAPSED). Este encontro reuniu estudantes, pesquisadores e psicólogos de toda a América Latina e contribuiu para o diálogo, fortalecimento e união de profissionais que cultivam o interesse pelo tema em questão³.

Na ocasião do II Congresso Latino Americano de Psicologia da União Latina Americana de Psicologia (ULAPSI), no ano de 2007, na Cidade de Havana em Cuba, aconteceu um Simpósio de Psicologia das Emergências e dos Desastres coordenado pela Psicóloga brasileira, Ângela Elizabeth Lapa Coelho⁴.

Em Santiago no Chile, aconteceu o 2º Encontro Latino-americano de Psicologia em Emergências e Desastres. Nesse encontro foram debatidos temas como políticas públicas em emergências e desastres, primeira resposta psicológica em emergências e desastres, emergências sociais e desastres naturais, saúde mental em Psicologia das emergências e desastres e Psicologia das emergências nas organizações (JORNAL DO FEDERAL, 2009).

A pesquisa realizada nos arquivos do Conselho Regional de Psicologia – 4º Região possibilitou a análise de um vasto material que mostra que o interesse pela temática tem se intensificado. Talvez isso tenha se dado dessa maneira pela própria necessidade que vem se apresentando nos últimos anos, pelo aumento do número de episódios de desastres sejam eles naturais ou não, e também pela própria organização contemporânea da sociedade. Justamente por esse aumento do número de desastres inclusive no Brasil, é que tem tornado necessário um maior número de profissionais psicólogos preparados para atuarem nessa área.

2.1 A Psicologia das Emergências e dos Desastres no Brasil

Em 1974, foi promulgada a primeira lei no Brasil que regula a atuação e ajuda em desastres, prevendo a atuação dos psicólogos juntos aos afetados. Sua determinação é que toda pessoa que passa por um evento de emergências e desastres tenha acompanhamento psicológico por tempo indeterminado.

³ Participação em seminário: Encuentro Internacional de Psicologia em Emergências y Desastres. Buenos Aires, 21,22,23 de março de 2007.

⁴ Participação em Congresso: II Congresso Latino Americano de Psicologia da ULAPSI (União Latina Americana de Psicologia), 2007, Cidade de Havana, Cuba.

O primeiro registro da atuação da psicologia no campo da emergência e dos desastres aconteceu em 1987, por ocasião do desastre do césio-137, considerado o maior acidente radioativo no Brasil⁵, ocorrido em Goiânia, estado de Goiás.

Segundo Carvalho e Borges (2009), em 1992, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade de Brasília (UNB) e a Pontifícia Universidade Católica de Goiânia (PUC Goiás), conjuntamente com uma equipe de psicólogos Cubanos, que já havia atuado no Acidente Nuclear de Chernobyl⁶, em 1986, realizaram atendimento aos atingidos pelo césio-137, adaptando o mesmo programa utilizado na Rússia às necessidades da comunidade brasileira afetada.

O movimento do Conselho Federal de Psicologia para a incorporação desta temática aconteceu, segundo os registros, somente em 2005, quando de acordo com o jornal do Conselho Federal de Psicologia (JORNAL DO FEDERAL, 2011), foi realizado o I Congresso União Latino Americano da Psicologia (ULAPSI) em São Paulo.

Em 2006 esse tema retorna novamente à pauta do Conselho Federal tendo em vista a atuação dos psicólogos nas situações de emergências e desastres no Brasil, que passa a incentivar a realização de pesquisas que possam produzir subsídios para a elaboração de diretrizes para o trabalho do psicólogo no campo das emergências e desastres.

Ainda em 2006, a Secretaria Nacional de Defesa Civil e o Conselho Federal de Psicologia promovem o 1º Seminário de Psicologia das Emergências e dos Desastres, em Brasília no Distrito Federal. Neste mesmo momento do evento aconteceu a 1º Reunião Internacional por uma Formação Especializada em Psicologia das Emergências e Desastres, procurando sintetizar as diretrizes curriculares que devem compor a formação dos futuros profissionais em psicologia, preparando-os para atuar junto à Defesa Civil.

O evento estimulou a inserção dos psicólogos e ressaltou a importância do psicólogo no cenário das emergências e desastres. Formou-se a Rede de Psicologia das

⁵ Escuta em seminário: I Seminário de Psicologia das Emergências e dos Desastres – Contribuições para Sociedades mais seguras. Brasília, 8,9 e 10 de junho de 2006. Palestra proferida por Horacio Toro, na ocasião, representante das Organizações Mundial e Pan-Americana de Saúde. Apresentação do vídeo: Césio 137 – O brilho da morte.

⁶ Acidente ocorrido em 26 de abril de 1986, na Usina Nuclear de Chernobyl (originalmente chamada Vladimir Lênin) na Ucrânia, por um vazamento que libertou uma imensa nuvem radiativa, contaminando pessoas, animais e o meio ambiente de uma vasta extensão do tamanho de Guadalupe.

Emergências e dos Desastres que objetiva a divulgação e a troca de experiências entre profissionais e pesquisadores que atuam nesse contexto.

Após o 1º Seminário ocorrido em Brasília em 2006, muito outros encontros no Brasil foram acontecendo desde então, não somente em nível nacional, mas também em níveis estadual e regional.

No ano de 2007, a subsede Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, Vale do Paraíba e Litoral Norte, realizaram em parceria com a prefeitura de São José de Rio Preto, a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e o Colégio Brasileiro de pesquisa em ciências humanas e sociais em São José dos Campos, o I Simpósio Multiprofissional em Emergências e Desastres do Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira e concomitantemente o I Encontro da Psicologia em Emergências e Desastres do vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira, a III Jornada de Atendimento Pré-Hospitalar- Resgate Saúde e a V Jornada de Cirurgia do Trauma do Hospital Municipal Dr. José de Carvalho Florence⁷. Como podemos perceber este conjunto de eventos teve características multiprofissionais, o que proporcionou a troca de experiências, e reforçou a importância da psicologia nessa área de atuação⁸.

Em 2008, foi assinado pelo Conselho Regional de Psicologia da 12ª Região⁹, em Santa Catarina, o termo de Cooperação com a Secretaria Executiva de Justiça e Cidadania do Estado de Santa Catarina. Este termo propõe ações da psicologia a serem desenvolvidas junto com a Defesa Civil Estadual, bem como, foi firmado o compromisso do Conselho de Psicologia desenvolver referências técnicas para orientar a atuação dos psicólogos frente às emergências e desastres.

Ainda em 2008, foi organizado um grupo de ajuda humanitária entre a Aliança Internacional *Save the Children*, o CRP-12 Santa Catarina, a Secretaria de Assistência Social, Trabalho e Habitação do Estado, o Departamento Estadual de Defesa Civil, com a participação da Psicóloga Ana Lopes – Conselheira do Conselho Federal de Psicologia; e Daniela Lopes- Psicóloga da Defesa Civil Nacional e Conselheira na Organização dos Estados Americanos (OEA), para atender os atingidos pela enchente de novembro de 2008 em Santa Catarina (CARVALHO E BORGES, 2009).

Também em 2008, em Belo Horizonte, MG, na III Jornada da Sociedade Mineira de Terapia intensiva (SOMITI) de Psicologia: avanços e desafios da Psicologia

⁷ Hospital geral e público da cidade de São José dos Campos, SP.

⁸ Participação em simpósio: I simpósio Multiprofissional em Emergências e Desastres do Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira, São José dos Campos, SP. 22 e 23 de junho de 2007.

⁹ O CRP 12 corresponde à região de Santa Catarina

nas urgências, emergências e desastres, a Defesa Civil do Estado, por meio de sua coordenadoria, manifestou-se defendendo a necessidade de ser criada uma seção de psicologia em seus quadros de profissionais. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS, 2008, p.8).

Em outubro de 2009, em Cuiabá, Mato Grosso, o CRP/14 conjuntamente com a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia/Núcleo Mato Grosso (ABEP/MT), o curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), realizou o I Seminário Mato-Grossense em emergências e desastres, que contou com o financiamento da Secretaria Nacional de Defesa Civil (SEDEC).

Nesta ocasião a professora Ângela Elizabeth Lapa Coelho¹⁰ proferiu palestra com os temas: “As profissões civis e a Defesa Civil” e “A Prática Psicológica em Emergências e Desastres: Perspectiva Social e Preventiva”. Pode-se dizer que o foco nesse encontro, foi na prevenção, ou seja, no pré-impacto.

Em 2009 foi realizado o V Seminário Internacional de Defesa Civil (DEFENCIL), em São Paulo, que possibilitou a integração dos profissionais das áreas de engenharia, geografia, arquitetura, que se articularam em prol da construção de comunidades mais seguras. A construção de comunidades mais seguras envolve ações de remoção da população que vive em áreas de risco, tais como: encostas de rios, próximos de pontes, em barrancos, para locais mais seguros. Um exemplo de ações governamentais que visam à diminuição do risco de catástrofes é a iniciativa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que construiu prédios para a moradia da população do aglomerado São José, considerada área de risco. (JORNAL DO FEDERAL, 2009, p.6).

De acordo com Carvalho e Borges (2009), a partir de Janeiro de 2010, os profissionais da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) iniciaram um processo de capacitação para os psicólogos e profissionais da área de saúde envolvidos no atendimento de afetados pelas inundações do ano anterior em Santa Catarina. O trabalho tem sido norteado por um protocolo de atuação referenciado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Apesar do crescimento da área e do acúmulo de pesquisas, a Psicologia dos Desastres ainda não é reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia como especialidade no Brasil. O que se tem são alguns grupos de trabalhos em torno do

¹⁰ Doutora e pós-doutora em Psicologia Social pela University Of Manitoba, do Canadá.

presente tema em alguns conselhos regionais, a exemplo do CRP 04/MG¹¹, no qual acontecem encontros para discussão e estudo do tema (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS, 2011).

Criada em 9 de fevereiro de 2011 na camará dos deputados em Brasília e instalada em 16 de março desse mesmo ano, esta Comissão Especial “Medidas Preventivas Diante de Catástrofes Climáticas” tem por finalidade efetuar estudos e apresentar propostas em relação às medidas preventivas e saneadoras diante de catástrofes. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2012). O trabalho desta Comissão especial resultou na promulgação da lei nº12.608, de 10 de abril de 2012 no Brasil com objetivo de monitoramento de desastres.

Em 2011 ocorreu o II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres em Brasília, nesta ocasião foi criado a Associação Brasileira da Psicologia em Emergências e Desastres (ABRAPEDE) com o objetivo de desenvolver o trabalho dos psicólogos nas emergências e desastres entre outros.

A Psicologia das Emergências e dos Desastres é uma área nova de atuação por esta razão talvez a pesquisa bibliográfica realizada para o desenvolvimento desta monografia encontrou uma escassez de publicações.

A seguir faremos a apresentação de alguns conceitos básicos e norteadores para o melhor entendimento do tema em estudo, a Psicologia das Emergências e dos Desastres.

2.2 Conceitos das Emergências e dos Desastres

A Psicologia das Emergências e dos Desastres é caracterizada pela atuação do psicólogo com pessoas atingidas por acidentes, desastres, catástrofes, incidentes críticos, visando à reconstrução de seus espaços de vida e suas relações intrapessoais.

Os desastres são definidos como o “resultado de evento adverso, natural ou provocado pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e ambientais e conseqüentemente prejuízos econômicos e sociais” (CASTRO E CALHEIROS, 2002, p.4).

Já a catástrofe é definida pelo Glossário de Defesa Civil Estudos de Medicina e Desastres (1998, p.40), como “uma grande desgraça, acontecimento funesto e lastimoso, um desastre de grandes proporções, envolvendo alto número de vítimas e/ou danos

¹¹ O CRP 04 corresponde à região de Belo Horizonte.

severos”. É um evento que conta, portanto, com a atenção sob várias perspectivas. Podemos ter como exemplo de catástrofe o Tsunami, ocorrido no Japão em 16 de março de 2011.

Os desastres abalam comunidades e grupos sociais de diversos modos, dependendo da condição de vulnerabilidade dos mesmos, e também atinge de modo particular cada sujeito que vivencia tais tragédias. Neste sentido a psicologia encontra seu campo de intervenção tanto no espaço coletivo das comunidades e dos pequenos grupos quanto com os indivíduos.

De acordo com Carneiro e Andrade (2009, p.1) “os resultados dos desastres são sentidos de maneira diferenciada, de acordo com o grau de vulnerabilidade da comunidade atingida”. E como cada um é um ser único e individual, considera-se que esses efeitos não só são sentidos de maneiras diferentes pelas comunidades como um todo, mas também por cada indivíduo.

A atuação pode acontecer desde a fase de prevenção até o pós-trauma. Subsidiaria intervenções de compreensão, apoio e superação do trauma psicológico às vítimas e profissionais, quando é o caso. Esse trabalho estende as experiências pessoais, ao atendimento de comunidades que passam por situações de desastres, sejam acidentes considerados de menor abrangência, sejam em eventos desencadeados por calamidades sendo estas naturais ou provocadas pelo homem na sociedade (BRUCK, 2009).

A propósito, pode-se definir um acidente como um “evento definido ou sequência de eventos fortuitos e não planejados que dão origem a uma consequência específica e indesejada, em termos de danos humanos, materiais ou ambientais” (CASTRO, 1998, p.37).

Já um evento adverso é uma “ocorrência desfavorável, prejudicial e imprópria. Acontecimentos que traz prejuízos, infortúnio. Fenômeno causador de um desastre”. Sendo a calamidade uma “desgraça pública, flagelo, catástrofe, desgraça ou infortúnio” (CASTRO, 1998, p.37).

De acordo com os pesquisadores e grupos de estudos que trabalham com a Psicologia das Emergências e Desastres no Brasil, existem duas propostas para a distinção das fases dos desastres.

Na primeira proposta os desastres são caracterizados em três fases. A primeira fase é considerada a do “pré-impacto, e que corresponde ao intervalo de tempo que media entre o prenúncio da ocorrência de um fenômeno ou evento adverso definido e o desencadeamento de um desastre” (TORGA 2007, p.2). Nesta fase a atuação do

psicólogo seria planejar, mapear a região em questão, avisar a população que deve sair desta área de risco. No entanto se a população resiste a deixar o local, é papel do psicólogo trabalhar para diminuir esta resistência utilizando-se para tanto de diversos meios: vídeos, jornais, depoimento de afetados, cartilhas, palestra sobre o assunto entre outros.

A fase II “corresponde ao intervalo de tempo durante o qual o evento adverso se manifesta em toda sua plenitude” (TORGA 2007, p3). Na segunda fase encontra-se o momento para que tudo que havia sido planejado na primeira fase seja executado. É preciso também que o psicólogo possibilite aos afetados a manifestação de seus sentimentos e emoções, bem como, que os auxiliem a lidar com a situação de emergência.

Algumas técnicas para a atuação do psicólogo é: sempre tentar tocar nos braços, ficar de frente com a pessoa, conduzi-la na sua frente, tirar o afetado do lugar de risco (área quente) para um lugar seguro (área fria), tentar manter o afetado de costas para a cena, falar pouco e quando falar ter muito cuidado com as palavras, chamar o afetado pelo nome se puder, falar de forma clara e firme, não dar muitas explicações no momento da contensão, ser pontual, informar os fatos o que está acontecendo na cena, resguardar o afetado neste momento de contensão e quando o afetado estiver mais tranquilo pegar nas suas mãos e acolher. A função não é acalmar o afetado e sim permitir a vivência do afetado na cena de emergências e desastres¹².

Finalmente, a fase III, nomeada de pós-impacto, é a fase de atenuação, limitação de danos ou rescaldo, que corresponde “à situação imediata do impacto quando os efeitos físicos, químicos e biológicos, dos fenômenos ou eventos adversos, iniciam o processo de atuação” dos afetados (TORGA 2007, p.3). Nesse ponto a atuação do psicólogo, além daquela de prevenção desenvolvida na primeira fase, é de realizar o acompanhamento psicológico tendo em vista potencializar a capacidade dos afetados, tanto individual quanto coletivamente, para a reconstrução de seus espaços de vidas e suas relações intrapessoais.

A proposta da Psicologia das Emergências e dos Desastres defende quatro ações para a prevenção e redução dos danos nas situações de desastres: prevenção, preparação, resposta e reconstrução. Essa perspectiva diz respeito às diferentes possibilidades de atuação do psicólogo nesses quatro momentos, trabalhando em ações para a construção

¹² Elaborada a partir da fala da psicóloga clínica Lilian Cecilia Garate Castagnet na oficina realizada pelo CRP4.

da resiliência¹³ comunitária (LOPES et al, 2010,p.23). Ressalta-se que esse é o modelo utilizado atualmente pela Defesa Civil Nacional no enfrentamento dos desastres.

A Defesa Civil Nacional¹⁴ concentra o seu trabalho no preparo e desenvolvimento de comunidade mais seguras. Esse órgão incentiva desde a avaliação de risco e a promoção de medidas preventivas, à elaboração de planos de contingências e de operações, até o treinamento de voluntários e equipes técnicas, á articulação com os órgãos de monitoração, alerta e alarme e a organização de planos de chamadas de emergências e desastres.

Segundo Lopes e colaboradores, a interface entre Defesa Civil e a Psicologia vem sendo construída há alguns anos em nosso país através de diferentes iniciativas que estimulam a produção de conhecimento acerca da temática.

A Defesa Civil Nacional não só acolhe como também estimula a participação de psicólogos junto ao programa dos planos de contingências que tal instituição vem desenvolvendo em território nacional.

¹³ Resiliência: é a capacidade de lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas. A resiliência também se trata de uma tomada de decisão quando alguém se depara com um contexto de crise entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer (CASTRO, 1998,p.160).

¹⁴ Conjunto de ações de prevenção e de socorro,assistenciais e reconstrutivas, destinadas a evitar ou minimizar os desastres, preservar a integridade física e moral da população, bem como restabelecer a normalidade social(LOPES et al, 2010, p.20).

3 CONHECENDO CENAS DE DESASTRES E CATÁSTROFES E A POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA COMUNIDADE

Os danos e prejuízos causados pelos desastres e catástrofes são qualificados em função da magnitude e do evento e grau de vulnerabilidade do sistema afetado. A classificação quanto à intensidade pode ser relativa, mais precisa racional e útil ou absoluta quando se baseia na relação entre a necessidade e disponibilidade dos recursos para o restabelecimento da normalidade. São estabelecidos quatro níveis de intensidade para os desastres, de I a IV, como explana Castro (1998).

3.1 Nível I

São os desastres de pequeno porte ou acidentes, ou seja, os danos e/ou prejuízos pouco importantes, os quais tanto a comunidade como os indivíduos afetados suportam melhor.

A avaliação do grau de intensidade do desastre é feita na perspectiva coletiva e não individual, uma vez que, como ressalta Castro (1998, p.57). “Na visão subjetiva das vítimas, qualquer desastre é muito importante”. Neste nível de intensidade o autor considera que a condição de normalidade pode ser mais prontamente restabelecida e gerada pela própria comunidade ou município afetado sem necessidade de grandes mobilizações.

O acidente de trânsito ocorrido com um carro e uma ambulância em uma avenida no bairro Coração Eucarístico em Belo Horizonte Minas Geral, embora aparentemente grave não fez nenhuma vítima fatal, tampouco alterou o cotidiano dos moradores da comunidade, sendo caracterizado como desastre de nível I. A atuação do psicólogo neste nível pode acontecer se necessário no hospital ou em uma clínica particular.

Figura 1 – Acidente de trânsito sem vítima fatal em Belo Horizonte - MG



Fonte: Foto de Alex Araújo/G1

3.1.1 Nível II

No nível II são os desastres de médio porte, ou seja, os danos e prejuízos causados são de alguma importância. Desta forma são suportáveis pelos indivíduos e/ou comunidades bem preparadas e mobilizadas. As condições de normalidade podem ser restabelecidas com recursos disponíveis na própria área afetada desde que sejam racionalmente mobilizados e utilizados (Castro, 1998).

Apesar de causar transtorno para a comunidade, as chuvas que afetaram Itabirito, uma cidade localizada no interior de Minas Gerais, em janeiro de 2012, não ocasionaram grandes alterações no ritmo de vida das pessoas naquele período, e seus efeitos puderam ser gerenciados no nível municipal. Sendo assim, é um evento que se caracteriza como um desastre de nível II.

Figura 2 – Centro da Cidade de Itabirito ficou alagada. - MG



Fonte: Foto de Fabiano Aganete Santos/G1

3.1.2 *Nível III*

O III nível diz respeito aos desastres de grande porte, nos quais os danos e prejuízos são importantes. São suportáveis pela comunidade. A situação pode ser restabelecida, mas necessita apoio, de recursos estaduais e federais já disponíveis para esse tipo de situação (Castro, 1998).

O prejuízo causado pelas chuvas de granizo, em setembro de 2008, no município de Bambuí-MG, é um exemplo claro deste nível de desastres. Segundo informações da Coordenadoria de Defesa Civil do Município de Bambuí (COMDEC), numa tarde de quarta-feira, aproximadamente por volta da 17 horas, uma chuva de granizo caiu sobre a cidade de Bambuí, danificando em 7 minutos, metade dos telhados das casas da cidade referida e a maior parte dos automóveis que se encontravam estacionados, desprotegidos de cobertura. Este município contava na ocasião com uma população em torno de 23.000 pessoas considerando também sua zona rural e 6.000 casas na cidade propriamente dita. Dez dias depois da chuva de granizo caiu sobre o perímetro urbano, outra chuva, e também caiu na zona rural atingindo cerca de 10 comunidades rurais do

município, destruindo toda a plantação, vegetação, causando ainda a morte de vários animais, destruindo residências e construções rurais.

Figura 3 – Frangos em estufa morrem por causa de chuva de granizo em Bambuí - MG



Fonte: Foto de Hélio Fazan

Na ocasião, a COMDEC necessitou acionar não só os Núcleos de Defesa Civil (NUDECS) dos municípios, como contou com a disponibilização de todas as secretarias do poder executivo local, com as entidades de serviço e voluntários, sendo ainda necessário acionar a Coordenadoria Estadual de Defesa Civil (CEDEC).

Foi decretado Situação de Emergências¹⁵, ou seja, a comunidade afetada necessitou contar com a ajuda das instancias estadual e federal, para o gerenciamento desse desastre e para o restabelecimento da normalidade no município.

¹⁵ Situação de emergência: reconhecimento legal pelo poder público de situação anormal, provocada por desastres, causando danos (superáveis) à comunidade afetada (CASTRO, 1998, p.170).

3.1.3 *Nível IV*

Neste nível são considerados os desastres de grande porte, cujos danos causados são muito importantes e os prejuízos muito vultosos. Nesse caso, não são bem suportáveis e superáveis pela comunidade e indivíduos afetados, mesmo que estes sejam preparados para o enfrentamento de desastres. A situação de normalidade necessita de suporte externo, nacional e em alguns casos internacional (Castro, 1998). Como exemplo a tragédia ocorrida na região serrana do Rio de Janeiro em janeiro de 2011.

Na ocasião, uma sequência de fortes chuvas na região Serrana do Rio de Janeiro, envolvendo os municípios de Teresópolis, Petrópolis e Nova Friburgo, se tornou uma das maiores tragédias brasileiras. Segundo o jornal o Estadão (Russo, 2011), essas três cidades passaram por total destruição foram afetadas por deslizamentos de terra, desabamentos de encostas, soterramentos de bairros e alagamentos; causou a morte de centenas de pessoas, ficando outros milhares desalojados e muitos desaparecidos.

Figura 4 – Imagens da Catástrofe em Nova Friburgo- Rio de Janeiro



Fonte: Foto de Fábio Guerra

Na cena desta catástrofe, centenas de homens das forças de resgate, envolvendo não só os âmbitos municipais, estaduais e federais do governo, como também voluntários de várias partes do país, se uniram para resgatar, restaurar e tentar minimizar a ocorrência e os efeitos dessa catástrofe.

Numa tragédia desta magnitude “as reações emocionais dos afetados podem ser exacerbadas pela separação de outros familiares e pelo contato com os mortos e ou feridos” (COELHO, 2006, p.61), e neste quadro a atuação do psicólogo é imprescindível.

A atuação do psicólogo nesta fase II da catástrofe, chamada também de fase do “impacto” visa um atendimento focado na atuação humanizada, ajudando as equipes de resgate, conversando com os afetados e possibilitando a elaboração das perdas vividas e possibilitando a reorganização afetiva e cognitiva dos afetados tendo em vista decisões e ações de ordem práticas, por exemplo, a busca de nova moradia, as providências de documentação para o recebimento de recursos financeiros, entre outros.

3.2 Evolução

De acordo com Castro (1998, p.57), “os desastres são classificados em evolução: desastres súbitos ou de evolução aguda; desastres graduais ou de evolução crônica; desastres por somação de efeitos parciais”.

3.2.1 Desastres súbitos ou de evolução aguda

Os desastres são uma surpresa, mas no caso da caracterização como súbito ou de evolução aguda, tudo acontece tão rapidamente que, muitas vezes os afetados nem se dão conta do ocorrido.

São desastres que se caracterizam pela subaneidade, pela velocidade com que o processo evolui e, normalmente, pela violência dos eventos adversos causadores dos mesmos. Podem ocorrer de forma inesperada e surpreendente ou ter características cíclicas e sazonais, sendo facilmente previsíveis. No Brasil, os desastres de natureza cíclica e caráter sazonal são os de maior prevalência (CASTRO, 1998, p.57).

Um exemplo típico de desastre súbito foi o que aconteceu com a Pousada Sankay localizada na Ilha Grande no Rio de Janeiro no ano de 2010, quando um deslizamento súbito de terra, provocado pelo grande volume de pluviométrico em curto espaço de tempo, tirou a vida de pelo menos 17 pessoas. A figura 5 mostra a pousada antes da catástrofe já a figura 6 depois do deslizamento de terra e rochas.

Figura 5 – Imagens da Pousada Sankay- Rio de Janeiro (Antes)



Fonte: Foto de Fábio Guerra

Figura 6 – Imagens da Pousada Sankay - Rio de Janeiro (Depois)



Fonte: Foto de Fábio Guerra

3.2.2 Desastres graduais de evolução crônica

Os desastres graduais de evolução crônicas, ao contrário dos súbitos, muitas vezes nem são percebidos como desastres de fato, pois são de evolução lenta e representam uma situação que se torna parte do cotidiano das pessoas. “Caracterizam-se por serem insidiosos e por evoluírem através de etapas de agravamento progressivo. No Brasil, o desastre mais importante é a seca, pois apresenta essa característica de agravamento progressivo”. (CASTRO, 1998, p.58).

Figura 7 – Animais vitimados pela seca no norte de Minas Gerais-MG



Fonte: Foto de Rocha

A figura 7 mostra um corte da seca ocorrida ao longo de anos na Região de Minas Gerais, explicando os desastres de evolução gradual.

3.2.3 Desastres por somação de efeitos parciais

Os desastres por somação de efeitos parciais, quando avaliados isoladamente, nem sempre representam um evento de grande porte, mas, quando analisados em estatísticas que se somam, torna-se de grande importância.

Esses desastres caracterizam-se pela somação de numerosos acidentes (ou ocorrências) semelhantes, cujos danos, quando somados ao término de um determinado período, definem um desastre muito importante. No Brasil, os estudos epidemiológicos demonstram que os desastres por somação de efeitos parciais são os que provocam os maiores danos anuais (CASTRO, 1998, p.58).

Fatores como o aumento do poder aquisitivo na classe média brasileira somada, muitas vezes, ao uso abusivo do álcool e à potência dos veículos modernos, tem aumentado numa proporção considerável o volume de acidentes de trânsito que, conforme menciona Castro (1998), se encaixam na classificação de desastres por somações de efeitos parciais.

Dentre os desastres por somação de efeitos parciais, destacam-se: os acidentes de trânsito; os acidentes de trabalho; os acidentes com crianças no ambiente domiciliar e peridomiciliar. Os acidentes com crianças no ambiente familiar e peridomiciliar destacam-se mundialmente por serem a segunda maior causa de morbidade e mortalidade entre crianças com menos de 5 anos e a maior causa de morbidade e mortalidade entre crianças com menos de 15 anos (CASTRO,1998,p.58).

Considerando o cenário da capital do estado de São Paulo, por exemplo, a mídia tem mostrado insistentemente acidentes com vítimas fatais e em quantidade crescente de ocorrências que, quando somadas, representam grande volume.

A figura 8, colisão envolvendo carros de luxo deixando vítimas fatais. A recorrente e diária ocorrência de acidentes de trânsito com vítimas em São Paulo – SP, geralmente associado ao uso abusivo do álcool e ao excesso de velocidade, caracteriza bem os desastres enquanto evolução por somação de efeitos parciais.

A atuação do psicólogo na área do trânsito visa à prevenção dos acidentes, ou seja, desenvolvendo-se um trabalho de valorização da vida de cada indivíduo na sociedade para minimizar os desastres no trânsito.

Figura 8 – Colisão no Itaim, Zona Sul de São Paulo -SP



Fonte: Foto de Helio Torchi/Futura Press

3.3 Origem

Segundo Castro (1998, p.57), “quando à origem ou causa primária do agente causador, os desastres são classificados em: naturais, humanos ou antropogênicos e mistos”.

3.3.1 Desastres naturais

Os desastres naturais, nos últimos anos, têm chamado à atenção da população mundial. Em decorrência do aquecimento global, este tipo de desastres tem ocorrido, na maioria das vezes, de forma trágica, causando grande destruição, e muitas mortes. “São aqueles provocados por fenômenos e desequilíbrio da natureza por fatores de origem externa que atuam independentemente da ação humana” (CASTRO, 1998, p.58).

De acordo com Filho, Aquino e Magro (2010), a tendência é de que histórias trágicas de acidentes naturais continuem acontecendo porque o clima mudou. Em decorrência das mudanças climáticas, a crenças de que as áreas de matas nativas e preservadas estavam livres de deslizamentos não são mais consideradas como válidas, uma vez que muitos desastres naturais têm atingido exatamente estas áreas.

Figura 9 – Imagens chuva de verão de 2012 em Santa Catarina -- SC

Fonte: Foto de João Frigério

3.4 Fatores relevantes

As cenas de desastres podem contar com vários tipos de atores, dependendo não somente da classificação dos desastres, evolução e origem, como também da disponibilidade de recursos para a zona afetada.

Os atores, com suas funções podem ser desde os vitimados¹⁶ e seus familiares, o corpo de Bombeiros, socorrestes, médicos, enfermeiros, psicólogos e voluntários.

Nas comunidades organizadas, para o enfrentamento de desastres, sobretudo aquelas que já têm a Defesa Civil contam com a chamada “cadeia de comando” que diz respeito à conduta por meio do qual as ordens e a comunicação são dadas por um superior eleitos pela comunidade para dividir as tarefas. As ordens circulam em sentido decrescente, bem como a informação dos resultados atingidos, que permite o controle, em sentido ascendente (CASTRO 1998, p.37).

Segundo Castro (1998), quanto mais organizada nesse sentido uma comunidade se encontra, maior a possibilidade de enfrentamento e de resposta desta quando na ocorrência de um desastre.

¹⁶ Como vitimados estão o reino, animal, vegetal e mineral.

Nos casos de evacuação das áreas atingidas nas fases I (pré-impacto), II (impacto) ou III (pós-impacto) é definido como “conjunto de instalações, pontos de concentração de feridos, pontos de embarque, centros de triagem e outros, que se estendem do local dos desastres até as unidades de emergências hospitalares que servem de apoio aos afetados, por ocasião dos desastres” (CASTRO, 1998, p.37).

Em Cuba, devido à sua localização geográfica, a população assimilou à cultura de enfrentamento do desastre a “cadeia de comando” funciona com primor e efetividade. Sendo assim, esse tipo de ação pode resguardar a população antes que o desastre ocorra, como foi o caso da última passagem do furacão katrina, quando somente três vítimas fatais foram registradas e mesmo assim porque as mesmas desobedeceram à solicitação de evacuação previamente ditada pelo governo¹⁷.

As diferentes cenas de desastres como foram visto anteriormente, podem ser classificadas simultaneamente com relação à intensidade, evolução e origem. Ressalta-se que um evento, por mais próximo que seja um do outro, é sempre único, conseqüentemente, suas sequelas também serão únicas.

Segundo Marcos Ferreira os psicólogos que atuam no contexto das emergências e desastres, “vão trabalhar para que o evento não se transforme em sofrimento humano, e sim para facilitação do entendimento de mecanismo de autoproteção, para promoção de comunidades mais seguras”. (COSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p.6).

A afirmação do autor nos leva a concluir que, a atuação do psicólogo poderá ser desenvolvida em todas as fases apresentadas. Quando antes das catástrofes sua ação tem cunho preventivo, quando durante o desastre no acolhimento das pessoas afetadas, e finalmente na fase da reconstrução contribuindo para que as pessoas possam reconstruir seus espaços de vida e suas relações interpessoais.

Para Franco (2005), esse profissional precisa ter;

¹⁷ Escuta em seminário Seminário de Psicologia das Emergências e dos Desastres – Contribuições para Sociedade mais seguras. Brasília, 8,9,10 de junho de 2006. Palestra: Aléxis Lorenzo Ruiz: Doutor em Ciências Psicológicas, Professor Titular e Adjunto da Universidade de Havana- Cuba. Professor de Psicologia. Chefe de Serviço do Programa Cubano de Atenção aos Danificados pelo Acidente de Chernobil. Professor e chefe do serviço de psicologia do Hospital Pediátrico de Tarara. Integrante do Conselho Consultivo e Comitê técnico do Centro Latino -americano de Medicina de Desastres (CLAMED).

(a) disponibilidade para ser acionado por 24 horas, 365 dias por ano, para ser contatado e posicionado em menos de 10 minutos; (b) disponibilidade para viajar para qualquer lugar do mundo; (c) domínio de no mínimo um idioma, além do Português; (d) treinamento para atendimento em situação de luto e participação nos treinamentos... Uma exigência absoluta está em assumir compromisso de sigilo sobre as atuações, incluindo nos contatos com a mídia (FRANCO, 2005, p.1).

Neste sentido o psicólogo tem que se preparar para enfrentar situações singulares nas cenas de emergências e desastres, bem como para desenvolver um trabalho interdisciplinar integrando-se em equipes formadas por médicos, engenheiros, arquitetos, antropólogos, sociólogos, bombeiros entre outros.

É necessário que cada profissional na cena dos desastres saiba onde e quando desenvolver seu papel sem interferir de maneira negativa no trabalho dos outros membros e nem da equipe como um todo, ou seja, é preciso que os profissionais respeitem e reconheçam a especificidade do trabalho de cada, trabalhando para que as diferenças sejam somadas em benefícios do bem comum.

O protocolo de Acercarse tem como objetivo organizar a intervenção dos primeiros socorros psicológicos e oferecer diretrizes de atuação que facilitam o trabalho do profissional neste âmbito (SILVA, 2003, p.2).

Acercarse viabiliza uma atuação mais efetiva do psicólogo na cena dos desastres levando em consideração todo o contexto gerado pelo evento adverso. Esse protocolo que foi organizado pela Universidade de Madri, na Espanha foi traduzido pelo Psicólogo Claudinei Cândido Silva será apresentado a seguir.

Segundo o protocolo Acercarse (s.d. p.2), os profissionais psicólogos necessitam empregar diferentes estratégias de intervenção que possibilitem oferecer os primeiros socorros psicológicos nas emergências e catástrofes, em caráter de urgência. Essas intervenções visam oferecer a melhor ajuda possível aos afetados, se estendendo aos socorristas e a equipe profissional na cena dos desastres.

Os fundamentos para os primeiros socorros psicológicos são: oferecer proteção, segurança e esperança; proporcionar e avaliar de forma imediata os sintomas agudos do estresse.

Segundo Cohen (1999), fatores estressantes são caracterizados por eventos ou condições que provocam reações físicas ou psicossociais em uma pessoa determinada em condições particulares.

O protocolo de Acercarse oferece princípios básicos para intervenção psicológica nas situações de emergências que são: proteger, dirigir, conectar, tratar e cuidados especiais.

Proteger, neste contexto, significa possibilitar ao afetado que se sinta seguro na cena do desastre, deste modo o psicólogo deverá estar presente nos abrigos organizados para abrigar as pessoas atingidas.

Dirigir significa, segundo o protocolo, precaver novos acidentes, redirecionando a saída dos afetados dos lugares perigosos para lugares seguros. Conectar é uma ação descrita no protocolo de Acercarse, como a de colocar os afetados em contato não somente com recursos pessoais, mas também com recursos sociais disponíveis. É importante neste momento valorizar o contato dos afetados com as pessoas significativas afetivamente para eles e com centros de informação e apoio.

Tratar é preconizado pelo referido protocolo como o tratamento das reações de estresse agudo e também de comportamentos que podem ser gerados secundariamente, como abuso de álcool e drogas ou outras reações. As estratégias de atendimento individual e em grupo podem acontecer pela triagem¹⁸.

Já os cuidados especiais são caracterizados pela atenção singularizada, que deve ser dispensada aos integrantes da cena dos desastres. O psicólogo neste momento recebe várias demandas e desenvolverá o seu trabalho objetivando possibilitar aos afetados uma nova construção dos seus espaços de vida e suas relações intrapessoais. Para alcançar tal objetivo o psicólogo poderá desenvolver várias atividades dependendo do nível de ação na qual ele se engaja. No atendimento direto às vítimas e profissionais da equipe ele poderá lançar mão das rodas de conversas ou dinâmicas de grupos, que permitem a expressão e a elaboração das vivências próprias das situações dos desastres. Segundo Afonso (2006) as dinâmicas de grupos independentemente do número de encontros, são momentos nos quais os grupos focalizam suas reflexões em torno de uma questão central, que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social, envolvendo os sujeitos de maneira integral, nas formas de pensar, sentir e agir.

Outra possibilidade de atuação do psicólogo é a da participação na elaboração das políticas públicas que visam proteger indivíduos e comunidades de desastres e catástrofes.

¹⁸ Triagem- Termo dado ao reconhecimento da situação e seleção das vítimas por prioridades na cena da emergência. Palavra de origem francesa que significa “pegar, selecionar ou escolher” (CASTRO, 1998, p.147).

È importante ressaltar que cada caso requer uma atitude individualizada por parte do psicólogo. Logo, ajustar o protocolo com as necessidades apresentadas durante o atendimento e circunstanciais e ficará a cargo do profissional.

Segundo Coelho (2007) no momento de crise, o psicólogo busca contribuir para que a pessoa afetada compreenda o que está se passando, dando informação geral sobre os problemas e efeitos do desastre, do seu potencial de enfrentamento e das reações em situações excepcionais. Ou seja, utiliza-se da intervenção explicativa para que o afetado compreenda o que está acontecendo. Essa narrativa é uma possibilidade de intervenção que o psicólogo pode se valer para que se reinicie não só um processo de compreensão, como também de reorganização das emoções. Além disso, o atendimento psicológico visa potencializar as capacidades para o enfrentamento e reação das pessoas afetadas diante de situações excepcionais.

De acordo com Coelho (2007) outro recurso importante é a elaboração, juntamente com o afetado ou o grupo de afetados de um plano de ação para a superação das dificuldades explorando recursos do próprio afetado e de sua comunidade. Assim o afetado e comunidade podem perceber que a vida não parou e ainda sentirem-se ativos, participando do processo de restabelecimento da normalidade, que em muitos casos, é uma nova realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia pretendeu apresentar o campo da Psicologia das Emergências e Desastres.

A definição da Psicologia das Emergências e dos Desastres é caracterizada pela atuação do psicólogo com pessoas atingidas por acidentes, desastres, catástrofes, incidentes críticos, visando à reconstrução de seus espaços de vida e suas relações intrapessoais.

As demandas dirigidas aos psicólogos apontam para uma vasta área de atuação, em diferentes níveis tais como: na prevenção, na preparação, resposta e reconstrução e também com os profissionais interdisciplinares ali atuando nas cenas dos desastres.

A interdisciplinaridade foi chave para a atuação do psicólogo, pois, os profissionais como bombeiros, militares, engenheiros, arquitetos, geógrafos, médicos, entre outros ali envolvidos, com suas particularidades e experiências em suas áreas possibilitam uma visão e atuação coletiva proporcionando um atendimento rápido e eficaz. Quando se fala em interdisciplinaridade é necessário falar em diálogo, troca de experiências, e de ajuda mútua.

As instituições que solicitam o trabalho do psicólogo nas emergências e desastres são a Secretarias de Saúde, Defesa Civil em todas as instancias e alguns grupos de profissionais ligados a esses órgãos citados. .

Nas análises que fizemos pudemos observar que a Psicologia das Emergências e Desastres (PED) vem se empenhando, por meio de eventos, treinamentos, seminários e outros trabalhos, para melhorar delimitar seu campo de estudo, e conseqüentemente, aprimorar as formas de atuação dos psicólogos.

Desta forma podemos dizer que um estudante de psicologia que deseje encaminhar sua formação para a psicologia das emergências e desastres deve dedicar-se aos estudos sobre políticas públicas e a psicologia social, além de buscar frequentemente cursos extracurriculares na área, seminários, oficinas oferecidos e/ou divulgados pelo Conselho de Psicologia. Tratando-se de uma prática emergente a Psicologia das Emergências e Desastres é um campo fértil para a realização de pesquisas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia M. **Oficina em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ALVES, Lucelita Maria; SOLINO, Maria Nazareth; CARTAGENA, Sarah Marcela Chinchilla. **Gestão de Riscos e de desastres: contribuições da psicologia (formação à distância)**. Centro Universitário de estudos e Pesquisas sobre Desastres (CEPED – UFSC). Santa Catarina, Associação Cultural Cabeça de Vento, 2010.

AMARAL, Oswaldo. **Idade certa**. Publicado em 10 Out. 2011. Disponível em <<http://www.idadecerta.com.br/blog/?tag=acidente>> Acesso em 23 Out. 2011.

BOTELHO, Breno. **START: simples triagem e rápido tratamento**. Curso de Atendimento Pré-Hospitalar. TEI Soluções em empreendimentos, 2010.

BRUCK, Dr. Ney Roberto Vátimo. **Psicologia das Emergências, Módulo 1**. Curso de Psicologia das Emergências e Desastres - SENASP/MJ – Última atualização em 18 set. 2009.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em <<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/especiais/54a-legislatura/medidas-preventivas-diante-de-catastrofes/con>> Acesso em 19 ago.2012

CARNEIRO, Clarisse; ANDRADE, Márcia Maria Lima de. **A psicologia na prevenção de desastres: a questão da resiliência**. 2009. Disponível em <http://www.defesacivil.uff.br/defencil_5/Artigo_Anais_Eletronicos_Defencil_29.pdf> Acesso em: 10 ago. 2011.

CARVALHO, Aline Cristina de; BORGES, Ilma. **A trajetória histórica e as possíveis práticas de intervenção do psicólogo frente às emergências e os desastres**. 2009. Disponível em <http://www.defesacivil.uff.br/defencil_5/Artigo_Anais_Eletronicos_Defencil_29.pdf> Acesso em: 10 ago. 2011.

CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Glossário de Defesa Civil: Estudos de Riscos e Medicina de Desastre**. 5. Ed. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional da Defesa Civil. 1998.

CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de; CALHEIROS, Lélío Bringel. **Manual de Medicina do Desastre. Ministério da Integração Nacional**. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Manual de Medicina de Desastres, Vol. I. 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6^a ed. São Paulo, Cortez, v.16, s 1, 2003.

COÊLHO, ÂNGELA E. L. **Percepção de risco no contexto da seca: um estudo exploratório.** Artigo apresentado à Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 18 ago. 2011

COÊLHO, ÂNGELA E.L. **Psicologia das Emergências e dos Desastres: perspectiva social e preventiva.**In: V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre representações sociais,2007,Brasília Anais da V jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. Brasília, 2007.v.1.p.1-1. Disponível em:<<http://www.cnpq.br>>. Acesso em: 04 maio 2012.

COHEN, Raquel. **Salud mental para víctimas de desastres: manual para trabajadores.** Traducción realizada por la: Organización Panamericana de la Salud. Editorial El Manual Moderno, México, DF – Santafé de Bogotá, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Jornal do Federal*, Brasília: Conselho Federal de Psicologia, ano XXI nº 95, dezembro 2009, 20p.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE GOIÁS. **Césio 137: o brilho da morte** [documentário digital] Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS. Disponível em <www.crp04.org.br> Acesso em 04 ago. 2012.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS. *Jornal do Psicólogo*. Ano 25. N. 93. Dez. 2008.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL. **Seminário discutiu o papel do Psicólogo em situações de emergências e desastres.** 2009. Disponível em <<http://www.crpms.org.br/noticias.php?id=5023>> Acesso em 27 set. 2011.

FERNANDES, Márcio. **Corpo de homem que teve 90% do corpo queimado em SP segue no IML.** O Estadão Online. Publicado em 5 Out. 2011. Disponível em <<http://m.estadao.com.br/noticias/cidades,corpo-de-homem-que-teve-90-do-corpo-queimado-em-sp-segue-no-impl,781609.htm>> Acesso em 23 ago. 2012.

FERREIRA NETO, João Leite. **Psicologia, políticas públicas e o SUS.** São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fapemig, 2011.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática.** Campinas: Revista Estudos de Psicologia, 2005, p. 177-180.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ª ed. São Paulo. Atlas, 1991.

GLOBO Notícias. **Trânsito em MG.**Publicado em 1 ago.2012.Disponível em <<http://g1.globo.com/minas-gerais/transito/noticia/2012/08/ambulancia-e-carro-se-envolvem-em-acidente-na-regiao-noroeste-de-bh.html>> Acesso em 20 ago.2012

GREENSTONE, James L. LEVITON, Sharon C. **Elements of crisis intervention**. 2. Ed. Pacific Grove: Brooks/Cole, 2002.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 15. ed. Petropolis: Vozes, 1997.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo. Atlas, 2003.

LÉLIS, Camilo. **Cultura Religiosa II**. Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas. Belo Horizonte, PUC Minas, 2011.

LOPES, Daniela; COSTA, Dilene da Silva; SARES, Eliana Vianna. **Gestão de riscos e de desastres: contribuições da Psicologia**. Local: escola, 2010.

LUIZA, Brigitte. **Césio 137: parte II**. Publicado em 16 Mar. 2010. Disponível em <<http://briggitteluiza.blogspot.com/2007/09/csio-137-parte-ii.html>> Acesso em 23 ago. 2012.

MAES, Michael. **Epidemiological and Phenomenological Aspects of Post-Traumatic Stress Disorder; Liv01, Liv02, Liv05, Liv14, Psychiatry Res. 1998; 81: 179-193**. Disponível em: <www.psicosite.com.br/tra/ans/estrespos.htm>. **Transtorno de estresse pós-traumático** → Acesso em: 20 ago. 2011.

MAIA, A.C. e FERNANDES, E. **Epidemiologia da Perturbação Pós-stress Traumático e Avaliação da Resposta ao Trauma**. In: <https://repositorium.sdum.pt>. Acesso 04 de maio 2012.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3ª ed. São Paulo. Atlas, 2002.

PIETRO, Claudia Gomes de Andrade. **Saúde, Desastres e Desenvolvimento**. Curso Internacional Líderes. Brasília: Instituição, 2007.00 slides: color.

POSSAMAI, H. Entrevista: **“Superar o Trauma”**. Revista, Jornal da Universidade de Passo Fundo. N. 57. Ano VII. Ago. de 2007.

PGRSS. Programa de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde do HUCAM. **Negligenciar resíduos causa catástrofes**. Publicado em 10 abr. 2010. Disponível em <<http://pgrsshucam.blogspot.com/2010/04/negligenciar-residuos-causa-catastrofes.html>> Acesso em 23 jun. 2012.

PROTOCOLO ACERCARSE: Primeiros Socorros Psicológicos. Tradução de Claudinei Candido Silva. Madri: Universidade de Madri, s.d.

RAMOS, Wirismar. **Sem vítimas fatais: deputado capota carro em acidente na Surumu**. Publicado em 3 Mar. 2010. Disponível em <<http://www.fatoreal.blog.br/politica/sem-vitimas-fatais-deputado-capota-carro-em-acidente-na-surumu/>> Acesso em 23 Out. 2011.

REIS, Rhenan. **Acidente radioativo "Césio-137 em Goiânia"**. Publicado em 16 Mar. 2010. Disponível em <<http://drhenan.blogspot.com/2010/03/acidente-radioativo-cesio-137-em.html>> Acesso em 23 ago. 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. In: PERES, José Augusto de Souza. et.al. São Paulo, Atlas, 1999.

ROCHA, Silveira. **Comissão de Agropecuária da Assembléia cearense discute problemática da seca no Ceará**. Publicado em 9 Nov. 2010. Disponível em <<http://silveiraroccha.blogspot.com/2010/11/comissao-de-agropecuaria-da-assembleia.html>> Acesso em 23 junho. 2012.

ROZEN, Susana Chames de. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PSICOLOGIA DAS EMERGENCIAS E DOS DESASTRES, 1,2006, Finatec/Brasília. **As construções teóricas e técnicas em torno dos conceitos de emergências e desastres**. Brasília: Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos – finatec, 2006.p.37-42. Disponível em: <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/publicacoes/publicacoesDocumentos/cartilha_sn_desastres.pdf>. Acesso em: 24 ago.2012.

RUSSO, Natália. **Catástrofe no Rio de Janeiro**. Publicado em 13 Jan. 2011. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/catastrofe-no-rio-de-janeiro/>> Acesso em 24 Out. 2011.

SANTANA, Thaisa Marcella Vital. **Psicologia dos Desastres e Emergências**. Trabalho apresentado à disciplina Estágio I, PUCMINAS – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2008.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Defesa Civil. **I Encontro Municipal de Defesa Civil sobre Psicologia de desastre**. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2011.

SÃO PAULO, Prefeitura de São Paulo. **A difícil tarefa de sobreviver às tragédias**. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br> Acesso em: 20 ago. 2011.

SEDEC – SECRETARIA NACIONAL DE DEFESA CIVIL. **Manual de Planejamento de Defesa Civil**. Vol. 2. Antônio Luiz Coimbra de Castro. 1.ed., 1999. In: <www.defesacivil.gov.br> Acesso em: 20 ago. 2011.

SEIXAS, Raul. **Musica**. Disponível em:<<http://www.vagalume.com.br/raul-seixas/tente-outra-vez.html#ixzz1ZO2ksin6>>.Acesso em:ago.2012.

SERGIO, Homero. **Serra visita São Luiz do Paraitinga e diz que ajudará município**. Publicado em 3 Jan. 2010. Disponível em <<http://querenciahoje.wordpress.com/2010/01/03/serra-visita-sao-luiz-do-paraitinga-e-diz-que-ajudara-municipio/>> Acesso em 23 agosto. 2012.

SILVA, Alexandre. **Chuva castiga Divinópolis**. Publicado em 18 Dez. 2008. Disponível em <<http://falandoprasparedes.blogspot.com/2008/12/chuva-castiga-divinopolis.html>> Acesso em 23 ago. 2012.

TERRA. Angra: veja imagens da pousada antes e depois do deslizamento. Publicado em 2 Jan. 2010. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/tragediaemangra/fotos/0,,OI114142-EI14639,00-Angra+veja+imagens+da+pousada+antes+e+depois+do+deslizamento.html>> Acesso em 23 ago. 2012.

TORGA, Eliana Márcia Martins Fittipaldi. **O impacto provocado por traumas psicológicos em emergências e desastres.** 2007. Disponível em <http://www.defesacivil.uff.br/defencil_5/Artigo_Anais_Eletronicos_Defencil_29.pdf> Acesso em: 10 ago. 2012.

VALENCIO, Norma. **Desastres, Ordem Social e Planejamento em Defesa Civil: O contexto brasileiro.** In: <www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/03.pdf> Saúde Soc. São Paulo, v.19, n 4, 2010. Acesso em: 02 set. 2011.

VALENCIO, Norma et al. **Abandonados nos desastres: uma análise sociológica de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

VEJA Notícias. **Tragédia no Japão.** Publicado em 16 de março.2011.Disponível em <<http://veja.abril.com.br/tema/tsunami-no-japao>.Acesso em 09 ago.2012.

UOL Notícias. **Tragédia no RJ.** Publicado em 9 Ago. 2011. Disponível em <<http://economia.uol.com.br/direto-da-redacao/minuto-a-minuto/2011/08/09/tragedia-no-rj-2.jhtm>> Acesso em 23 ago. 2012.